

190 Marçal Guarani, in memoriam

Ligia T. Lopes Simonian (*)

A violência e a sordidez têm espreitado a vida daqueles que lutam pela liberdade, que buscam a "normalidade num sentido humano". E numa sociedade onde uma minoria controla sistematicamente uma maioria quase silenciosa e amedrontada, fica muito mais fácil o exercício do arbítrio e de desmandos. Marçal é apenas uma vítima a mais neste mundo ensanguentado pela violência a serviço de poucos.

O assassinato de Marçal mais uma vez nos ensina que os abutres que controlam o poder (político/econômico) não podem absorver nem tolerar uma vida pautada na honestidade e no despreendimento. Assim tem sido com os posseiros (que apenas querem plantar, colher, comer e morar), assim tem sido com os operários, com os bóias-frias, com seus defensores. Assim também foi com Marçal.

Marçal, um índio, um exemplo de honestidade, de despreendimento?

Sim, quer queiram ou não os poderosos! Desde muito tempo que vinha sendo perseguido e pressionado a aceitar propinas para ceder em sua luta. Mas obstinadamente Marçal sempre resistiu. Mas, Marçal sofreu na própria carne a intolerância dos poderosos. Conforme documentou Zelito Viana em Terra dos Índios (Rio de Janeiro: Embrafilme, 1979), "Marçal é vítima constante de perseguição por parte das autoridades, tendo sido até mesmo torturado por crimes que não cometeu".

Foi com exemplos e persistência que Marçal se fez querer por todos os homens de boa vontade. O reconhecimento que aqui se pretende começou muito antes de seu trágico e inaceitável assassinato.

Em território tradicionalmente ocupado pelos Guarani, hoje invadido por uma sociedade que predominantemente se posiciona contra os povos indígenas, o sentimento de pesar irmanou a todos os presentes, homens de boa vontade, índios e não-índios; todos comungaram um sentimento de

ânsia por justiça indestrutível. Contra este os opressores não poderão se exercitar; é mais forte que a vida, que a materialidade de um punhal ou de uma bala.

O sentimento de pesar e de dor pela morte de Marçal extrapolou o espaço da homenagem prestada em Dourados. Principalmente os indígenas, muitos dos quais atingidos no seu direito de ir e vir, garantido pela Constituição do País, foram impedidos, com o uso da força, de sair de suas reservas, para prestar publicamente sua homenagem a Marçal, como foi o caso de muitos Guarani do Mato Grosso do Sul. Como se vê, o assassinato de Marçal não foi suficiente para saciar a sede de sangue, de dor. É preciso continuar oprimindo, matando. É assim que os opressores sentem e percebem o mundo.

Em Dourados ampliou-se o clamor por justiça a Marçal e a todos os indígenas que tomaram na luta pela libertação e autodeterminação dos povos indígenas. Os Guarani choraram o parente e o guia na busca de

dias melhores; os outros indígenas presentes choraram o amigo, o irmão de luta, o orientador; os não-índios renderam sua homenagem orando.

Como na vida, Marçal continuou ensinando — importa não o lamento mas sim a luta e o esforço comum para a construção de uma sociedade humana e justa, onde a violência, a brutalidade, a dor e o abuso de poder não tenham vez. Assim nos diz Marçal: "Meus irmãos, aquela corrente, rompida há séculos, separada, temos de unir, uni-la de novo. Vamos nos conscientizar da união do povo indígena do País. Se isso acontecer, ninguém mais vai desuni-la. Então vai acontecer de novo a alegria — que vivíamos. O **ÍNDIO** se unindo, a Funai vai ter medo. Tem medo como o cavalo que dá coice. A nossa nação deve de novo florescer" (08/07/1980).

(*) Ligia T. Lopes Simonian trabalha na Fidene, RS (Associação Brasileira de Antropologia - Seção DF)